

ASSOCIAÇÃO DE FEIRANTES DE ECONOMIA SOLIDÁRIA (AFESOL): A EXPERIÊNCIA DE AVALIAR E A INOVAÇÃO COMO FATOR ESTRATÉGICO NO SUCESSO DO EMPREENDIMENTO

1

GT 7 - Economia solidária e sustentabilidades
Tipo de Trabalho 1 - Resultado de pesquisa

CUNHA, Livia Maria da Silva¹
CUNHA, Luiz Alexandre Gonçalves²
SIQUEIRA, Mariana Fernandes³
TORRES, Lillian Cristina Cruvinel⁴

Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar como um empreendimento de economia solidária pode resistir e consolidar-se no mercado de trabalho, pensando em novos produtos e métodos. Apresenta-se a experiência realizada com a Associação de Feirantes de Economia Solidária (AFESOL) que trabalha com artesanato e costura. No primeiro semestre de 2014 a equipe de incubação da Incubadora de Empreendimentos Solidários (IESOL) se deparou com algumas

Palavras-chave: Sustentabilidades; artesanato; empreendimento econômico solidário.

Introdução

Desenvolvimento

Esse relato de experiência consiste em descrever o trabalho desenvolvido por uma das equipes de incubação da Incubadora de Empreendimentos Solidários (IESOL), em uma associação de feirantes/artesãos. O principal objetivo da atividade é avaliar a sustentabilidade do empreendimento para estimular a inovação dos produtos.

A Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), a IESOL, constitui-se como um programa de extensão inserido na referida universidade e desempenha o papel de difundir e fomentar os princípios da Economia Solidária na cidade de Ponta Grossa/PR e nos municípios de sua região. Assim, como outras incubadoras, também “atendem grupos comunitários que desejam trabalhar e produzir em conjunto, dando-lhes formação em cooperativismo e economia solidária e apoio técnico, logístico e jurídico para que possam viabilizar seus empreendimentos autogestionários” (SINGER, 2002).

¹ Doutor em Ciências Sociais, llagc2@yahoo.com.br, IESOL/UEPG.

² Especialista em Design de Moda, livia.cunha@yahoo.com.br, IESOL/UEPG.

³ Acadêmica de História, marianafs2013@hotmail.com, IESOL/UEPG.

⁴ Bacharela em História, lillicruvineltorres@hotmail.com, IESOL/UEPG.

Além de fazer parte de uma instituição pertencente ao Governo do Estado (Paraná), a IESOL conta com diversos parceiros, como a Cáritas Diocesana de Ponta Grossa, prefeituras municipais, instituições e empresas públicas e privadas, sendo financiada por projetos, dentre eles, o projeto “Fortalecimento da Economia Solidária nos Campos Gerais” e o PRONINC (Programa Nacional de Incubadoras de Cooperativas): “Economia Solidária, desenvolvimento territorial e tecnologias sociais no território da IESOL/UEPG”, financiado pela MTE/SENAES/CNPq. Especificamente, no primeiro projeto citado, que conta com o patrocínio exclusivo da Petrobrás, são apoiados oito grupos, todos constituídos formalmente como associações. Um desses ²empreendimentos é a Associação de Feirantes de Economia Solidária (AFESOL), que trabalha com a produção de artesanato e produtos alimentícios, comercializando, principalmente, em feiras.

A AFESOL foi um dos primeiros EES a ser acompanhado pela IESOL (desde 2005), no entanto, seu processo de incubação efetivou-se somente no ano de 2012. Teve início com uma grande feira de artesanato (aproximadamente 30 pessoas), mas com o passar dos anos e a apreensão da proposta da Economia Solidária o número de participantes reduziu. Atualmente, o grupo é composto por seis associados (05 mulheres e 01 homem), com idade média de 50 anos e que comercializam produtos individuais e coletivos. Na produção individual são encontradas bijuterias, roupas infantis, roupas para animais, panos de prato, tecidos bordados e pintados, dentre muitos outros e produtos alimentícios (pastel, crepe, salgados em geral, bombons, bolachas, suco e outros). Já no coletivo, o produto principal são as bolsas de lona, que, na verdade, são malotes doados pelo Banco do Brasil e pelos Correios, que antes seriam incinerados, mas que após passarem por um processo de beneficiamento (lavagem, secagem e desmanche) são transformadas em bolsas, malas, pesos de porta, *necessaires*, porta-moedas e estojos. Assim, a sustentabilidade ambiental e o trabalho cooperativo são características da Economia Solidária que norteiam as atividades da AFESOL. O grupo possui características específicas devido o tempo que participaram de formações, como por exemplo, o domínio sobre a “linguagem” dessa nova proposta econômica, porém são bastante resistentes a diversas propostas.

A associação realiza feiras semanais no interior da UEPG e há algum tempo começaram a surgir problemas em relação ao espaço ocupado pelas feirantes, principalmente, devido ao cheiro de fritura, proveniente da barraca da senhora que produz alimentos. Reclamações de funcionários dos departamentos próximos chegaram inclusive a Pró-Reitoria de Extensão. Algumas pessoas, até da própria equipe de incubação, também haviam percebido problemas com o artesanato, principalmente com os produtos coletivos, relatando que não havia variedade. Isso se referia,

principalmente, ao malote customizado, o que fazia com que cada pessoa só comprasse uma vez por ser um produto duradouro. E, com relação aos produtos individuais da feira, a queixa era de que não haviam itens interessantes aos universitários, público este, que busca produtos diferentes e inovadores.

Todas essas dificuldades renderam diversos debates nas reuniões de planejamento da equipe de incubação. Tal equipe é constituída por estagiários dos cursos de Psicologia, Economia, História, Direito e Serviço Social e técnicos graduados em História e Designer. Essa interdisciplinaridade possibilitou a exposição de visões bastante diferentes sobre a condução do trabalho, gerando discussões enriquecedoras e produtivas. Outro ponto que deve ser enfatizado é a presença fundamental de pessoas de áreas especializadas como, por exemplo, a designer de moda, na condução do trabalho com artesanato e as estagiárias da Psicologia para auxiliar na abordagem de assuntos e/ou propostas com essas senhoras bastante resistentes.

Frente os problemas apontados e depois de várias discussões, a equipe chegou ao consenso de que era extremamente necessário fazer uma avaliação sobre a realização da feira no espaço cedido pela universidade. Isso se revelava fundamental até para pensarmos a viabilidade econômica do EES. Seria uma espécie de “pesquisa de satisfação” para verificar a aceitabilidade dos produtos, tanto do artesanato como do alimento, ouvir dúvidas, sugestões e reclamações dos consumidores.

Assim, foi estruturado um questionário, com dez questões, que indagavam sobre a qualidade dos produtos, questões com relação ao preço justo, aproveitou-se para inserir uma pergunta para investigar a visibilidade da IESOL e da economia solidária na UEPG, bem como coletar sugestões afim de aprimorar a feira. A pesquisa quantitativa foi realizada em dois dias, nas dependências da universidade, onde foram entrevistadas 59 pessoas, entre alunos, professores, funcionários e visitantes.

Após a tabulação, os dados demonstraram que dos entrevistados a maior parte eram alunos e funcionários, todos relataram que conheciam a feira e desses, mais da metade (66 %) afirmaram conhecer a Ecosol. Em relação ao segmento de artesanato mais da metade dos entrevistados (58%) disseram que não compram produtos artesanais, porém, a maior parte deles (71%) mesmo os que não compram, quando questionados sobre o preço, afirmaram considerar o preço final dos produtos justo e ainda salientaram a importância de verificar se o preço final está adequado ao tempo de horas trabalhadas pelas associadas e ao custo da matéria-prima. A justificativa dada pelos entrevistados ao fato de não comprarem o artesanato foi a falta de variedade dos produtos e como sugestões, as mais frequentes foram de mais variedades, produtos com mais utilidade aos universitários e acompanhar as datas comemorativas.

Ainda sobre o artesanato foram realizadas questões específicas sobre a bolsa confeccionada a partir dos malotes, onde mais da metade dos entrevistados afirmaram conhecer o produto (64%), porém, o número de pessoas que já compraram a bolsa chamou atenção, apenas 7% dos entrevistados relataram ter comprado. Esse resultado nos levou a analisar com mais cautela o motivo do desinteresse dos clientes em comprá-la. Entre as justificativas ao fato de não comprarem a bolsa foi bastante salientado que os modelos são apenas femininos, há pouca variedade, falta exposição e divulgação do produto e também a aspectos relacionados a qualidade da produção.

Referente aos alimentos, mais da metade dos entrevistados (56%) afirmaram que consomem ou já consumiram lanches ou alimentos comercializados na feira e a maior parte (67 %) considerou o preço dos alimentos justo. As justificativas dadas pelos respondentes que não consomem apontam para o desconhecimento da procedência dos alimentos e para a ausência de variedade. Entre as sugestões foram elencados: sucos naturais, lanches vegetarianos, veganos e integrais.

Por fim, foi elaborado um ranking dos aspectos críticos da feira que foram apontados com mais frequência durante as entrevistas, resultando em: 1º Divulgação da Feira, 2º Aumentar a variedade de produtos, 3º Preço Justo e, em 4º Divulgação da procedência dos produtos.

A partir dessa sistematização, foi realizada uma reunião entre equipe de incubação e associados para que os resultados da pesquisa pudessem ser apresentados e debatidos coletivamente. Durante o encontro, pautando-se nas premissas da “Educação Popular”, a equipe estimulou a construção participativa de um quadro, apontando possíveis mudanças e soluções para atender melhor o público, pensando, também, no objetivo maior da Ecosol, que é gerar trabalho e renda para essas trabalhadoras e trabalhadores que vivem a margem do mercado formal. Para a elaboração do quadro foi proposta uma pergunta aos associados: “O que podemos melhorar?”. Pode-se elencar alguns pontos com as respostas obtidas: a compra de tecidos para customizar e agregar mais valor as bolsas (essa resistência de comprar outras matéria-prima se dá por não serem de EES, já que ainda não se tem uma rede consolidada que atenda a todas as demandas), bolsas de diversos modelos com divisórias (maior variedade e que atenda a necessidade do público universitário), desenvolver modelos de bolsas para o público masculino, buscar em um local mais adequado para a barraca de lanches (um lugar que não incomode, como também um lugar mais confortável para que a associada não fique totalmente exposta as variações climáticas), ofertar outros alimentos (bolo e sanduíche natural) e melhorar a divulgação da feira (inicialmente com uma faixa para indicar a realização da feira). Dentre todas as ideias também surgiu a de visitar a Feira do Largo, que acontece no centro histórico de Curitiba/PR, com o objetivo de ver o funcionamento de outras feiras de artesanato (embora convencionais e não de Ecosol) e adquirir ideias para a produção de novos produtos, incorporando inovações.

Na atividade, a abordagem deu-se de forma muito tranquila, embora se tenha tratado de um assunto bem delicado com os associados, que foram as críticas em relação aos produtos comercializados. A busca de soluções, proposta de forma coletiva, foi muito produtiva e promoveu diversas reflexões no grupo que relataram momentos com problemas na confecção das peças, a forma como estão dividindo o trabalho e o convívio entre eles na associação.

A saída técnica aconteceu, aproximadamente, após um mês, reunindo a equipe da IESOL e os associados. A Feira do Largo é uma feira de arte e artesanato muito conhecida, inclusive internacionalmente. Há artesanato em todos os tipos de materiais e são muitas barracas de comercialização e estima-se que recebem a cada domingo, uma média de 15 mil pessoas. Além do artesanato, a Feira tem exposições de automóveis antigos e possibilita a oportunidade de se visitar locais históricos muito importantes para o cenário paranaense.

Após a viagem, muito se comentou sobre a infinidade de itens comercializados e a necessidade de garantir a qualidade do produto para manter-se atuante e ter consumidores. Pessoas da equipe adquiriram peças que despertaram o interesse de algumas artesãs, como por exemplo, um porta-livros. Uma das senhoras se dispôs a confeccionar um produto semelhante a partir da reutilização da lona do malote. Com a habilidade de costura que a associada possui o produto ficou semelhante, fizeram a customização e o resultado final foi ótimo. A peça já compõe a produção coletiva da AFESOL. Também iniciaram a produção de aventais masculinos a partir da mesma reutilização, que podem ser usados em oficinas, em churrascos (para agregar mais valor as peças estão sendo bordadas por terceiros) e painéis de foto. Além disso, outras mudanças, mesmo que graduais, foram perceptíveis na barraca de alimentos. A senhora que produz esses itens tratou de realocá-los e agora eles estão dispostos em um ambiente mais fresco e na sombra, passou a trazer em todas as feiras bolo e também diminui a produção de salgados fritos.

Figura 1 – Avental para churrasco da AFESOL



Fonte: do autor.

Na avaliação final, a equipe da IESOL fez a última reunião do ano com a AFESOL e o objetivo desta consistiu em avaliar o ano de 2014, expondo os pontos positivos e negativos. Dentre esses pontos, os associados falaram da questão da produção e se mostraram receptivos a ideia de continuar a desenvolver mais produtos. Porém, relataram que ainda não foi possível dar uma amplitude maior porque na associação há somente uma máquina reta e por enquanto a produção ocorre em um dia da semana, o que acaba prejudicando a produtividade do trabalho. A expectativa dos associados é que em breve terão mais 02 (duas) máquinas reta industrial, uma bordadeira eletrônica, um pregador de ilhós e uma máquina de corte, ou seja, máquinas e equipamentos que vão melhorar as condições de produção e consequentemente maior produtividade.

A experiência relatada trouxe grandes benefícios não apenas a AFESOL, mas a equipe de incubação. Para o grupo incubado, especificamente, esses novos produtos, que podem ter uma aceitabilidade maior nos espaços que eles os comercializam, ou sua variedade, podem significar aumento na renda mensal de cada um e da associação, possibilitando ainda a consolidação do EES e como todos dizem: “a possibilidade de viverem da produção coletiva e/ou da economia solidária”.

Outro aspecto a ser enfatizado é a preocupação dos associados em atender o preceito da sustentabilidade ambiental, na Ecosol. Isso é facilmente demonstrado quando uma das artesãs se dispôs a confeccionar algo novo, no entanto, que usasse como base o material que elas reutilizam.

O conceito de “inovação social” constitui-se como uma meta de trabalho para a equipe de incubação nesse momento e a AFESOL revelou um grande potencial a ser explorado.

Para a IESOL, foi fundamental perceber o momento da avaliação, sendo a pesquisa totalmente justificável para nortear as ações e planejamento do processo de incubação. Também entende-se que a maneira como a abordagem foi conduzida, respeitando as características do grupo, mas também as individuais, ou seja, de cada associado, permitiu o desvelamento das críticas e deixou-as abertas as sugestões dos consumidores. A equipe considera que mesmo que “o caminho não esteja totalmente aberto”, existem estratégias para que se lance mão e atinja assim o objetivo tão almejado, a geração de trabalho e aumento da renda para essas pessoas.

Inovação social

Devido às intensas mudanças ocorridas na sociedade tanto de ordem social como econômica, cada vez mais surgem desafios complexos diante de empresas e organizações. Dessa forma, faz-se necessário, uma constante busca por inovações, desde processos tecnológicos, novos produtos, nova clientela até novos mercados e formas de negociação.

Segundo Schumpeter (1961) *apud* Maruer (2011):

A principal explicação para o progresso econômico encontra-se no processo de destruição criadora, o qual se caracteriza pela introdução de novos bens de consumo, novos métodos de produção, os novos mercados ou novas formas de organização.

O conceito de Inovação é passível de diversos significados, pois a compreensão do mesmo é relativa ao contexto em que estiver inserido. Nesse sentido, no contexto dos Empreendimentos Econômicos Solidários o que acontece não é muito distante, a inovação é fundamental para que os EES consigam resistir e se consolidar economicamente através da oferta de produtos de boa qualidade a preços mais competitivos no mercado. Para que isso ocorra é preciso aperfeiçoamento dos produtos, métodos, e na maneira de gerir essas organizações para que seja possível se adequar frente ao mercado formal, assim, pode-se entender a inovação como fator estratégico para o sucesso dos empreendimentos.

A inovação pode ser compreendida como a prática de novas combinações que resultam na ruptura e uma ordem vigente gerando transformações materiais ou de valores. Os estudos sobre Inovações de Schumpeter, em um primeiro momento, abordaram as Inovações na Economia e depois disseminou-se por diferentes disciplinas (ANDION, 2014 : 98).

Schumpeter (1961) destacava a necessidade do desenvolvimento de inovações sociais para manter a efetividade econômica de uma organização junto às inovações tecnológicas.

Considerações finais

Referências bibliográficas

ANDION, Carolina. **Inovação social**. In: BOULLOSA, Rosana de Freitas (org.). Dicionário para a formação em gestão social. Salvador: CIAGS/UFBA, 2014. p. 98-102.

MARUER, A. M. **As dimensões de inovação social em empreendimentos econômicos solidários do setor de artesanato gaúcho**. 2011. 191 f. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

SCHUMPETER, J. A. **Capitalismo, socialismo e democracia**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

SINGER, P.